

PETIÇÃO 5.146 DISTRITO FEDERAL

RELATOR : **MIN. CELSO DE MELLO**
REQTE.(S) : **CARLOS HENRIQUE FOCESI SAMPAIO**
ADV.(A/S) : **AFONSO ASSIS RIBEIRO E OUTRO(A/S)**
REQDO.(A/S) : **DILMA VANA ROUSSEFF**
REQDO.(A/S) : **AMERICO LOURENCO MASSET LACOMBE**

EMENTA: INTERPELAÇÃO JUDICIAL. PROCEDIMENTO DE NATUREZA CAUTELAR. MEDIDA PREPARATÓRIA DE AÇÃO PENAL REFERENTE A DELITOS CONTRA A HONRA (CP, ART. 144). PEDIDO DE EXPLICAÇÕES AJUIZADO CONTRA A SENHORA PRESIDENTE DA REPÚBLICA E CONTRA O SENHOR PRESIDENTE DA COMISSÃO DE ÉTICA PÚBLICA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. COMPETÊNCIA ORIGINÁRIA DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL LIMITADA, UNICAMENTE, À SENHORA PRESIDENTE DA REPÚBLICA, POR DISPOR DE PRERROGATIVA DE FORO, “RATIONE MUNERIS”, PERANTE ESTA SUPREMA CORTE, NAS INFRAÇÕES PENAIS COMUNS. EXCLUSÃO DO SENHOR PRESIDENTE DA COMISSÃO DE ÉTICA PÚBLICA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. IMPUTAÇÕES ALEGADAMENTE OFENSIVAS AO PATRIMÔNIO MORAL DO INTERPELANTE. RECONHECIMENTO, POR ELE PRÓPRIO, DE QUE AS AFIRMAÇÕES QUESTIONADAS OFENDERAM-LHE A DIGNIDADE E O

DECORO. AUSÊNCIA, EM TAL CONTEXTO, DE DUBIEDADE, EQUIVOCIDADE OU AMBIGUIDADE. CONSEQUENTE INEXISTÊNCIA DE DÚVIDA QUANTO AO CONTEÚDO DE TAIS AFIRMAÇÕES. INVIABILIDADE JURÍDICA DO AJUIZAMENTO DA INTERPELAÇÃO JUDICIAL, POR FALTA DE INTERESSE PROCESSUAL. PEDIDO DE EXPLICAÇÕES A QUE SE NEGA SEGUIMENTO.

- O Supremo Tribunal Federal **possui** competência originária **para processar** pedido de explicações **formulado** com apoio **no art. 144** do Código Penal, **quando deduzido** contra a Presidente da República, **que dispõe** de prerrogativa de foro, "*ratione muneris*", perante esta Corte Suprema, nas infrações penais comuns (**CF**, art. 86, "*caput*", c/c o art. 102, I, "*b*").

- **O pedido de explicações**, *admissível em qualquer* das modalidades de crimes contra a honra, **constitui típica providência** de ordem cautelar, *sempre facultativa* (**RT** 602/368 – **RT** 627/365 – **RT** 752/611 – **RTJ** 142/816), *destinada a aparelhar* ação penal principal *tendente a sentença condenatória*. O interessado, **ao formulá-lo**, invoca, em juízo, tutela cautelar penal, **visando a que se esclareçam** situações **revestidas** de *equivocidade, ambiguidade ou dubiedade*, **a fim**

de que se viabilize o exercício *eventual* de ação penal condenatória.

- O pedido de explicações em juízo **submete-se à *mesma*** ordem ritual **que é peculiar** ao procedimento das notificações avulsas (**CPC**, art. 867 **c/c** o art. 3º do **CPP**). **Isso significa, portanto, que não caberá, ao Supremo Tribunal Federal, em sede de interpelação penal, avaliar o conteúdo** das explicações dadas pela parte requerida **nem examinar a legitimidade jurídica** de sua eventual recusa em prestá-las, **pois** tal matéria **compreende-se** na esfera do processo penal de conhecimento a ser *eventualmente* instaurado. **Doutrina. Precedentes.**

- **Onde não houver** dúvida **em torno** do conteúdo **alegadamente** ofensivo das afirmações questionadas **ou, então, onde existir qualquer incerteza** a propósito **dos destinatários** de tais declarações, **ai não terá pertinência nem cabimento** a interpelação judicial, **pois ausentes, em tais hipóteses (como sucede** na espécie), **os pressupostos necessários** à sua adequada utilização. **Doutrina. Precedentes.**

DECISÃO: Trata-se de “interpelação judicial com pedido de explicações” deduzida com fundamento no art. 144 do Código Penal contra a Senhora Presidente da República e o Senhor Presidente da Comissão de Ética Pública da Presidência da República.

O ora interpelante assim justificou a formulação do presente pedido de explicações:

“Segundo a imprensa, a Presidente da República teria dito:

‘No meu aniversário eu também paguei. Tinha gente que estava acostumada que o pagamento seria do governo’, disse a presidente, irônica. ‘É que tem gente que acha esquisito uma presidente dividir a conta. Acho isso extremamente democrático e republicano’, completou (Anexo 2). (...)

Essa insinuação por si só ofende a honra do Interpelante, porquanto dá a entender que ele estaria entre aqueles que são ‘acostumados que o pagamento [de contas pessoais] seria do governo’, e que ele não seria democrático e republicano, todos fatos ofensivos à honra do Interpelante, que é deputado federal e Procurador de Justiça do Estado de São Paulo.

Além disso, ainda segundo a imprensa, a Presidente também teria dito:

‘Eu escolho o restaurante que for porque eu pago a minha conta’, afirmou Dilma, em entrevista coletiva em Cuba. ‘Não há a menor condição de eu usar o cartão corporativo e misturar o que é consumo privado e público.’ (...) (Anexo 2)

A Presidente da República estaria tentando evitar de se pronunciar sobre as despesas que sua viagem a Portugal fizeram pesar sobre os cofres públicos. Para ter êxito na estratégia, recusou-se a falar das despesas com hotel e ainda quis atingir a honra do Deputado da oposição que, cumprindo sua missão constitucional, estava fiscalizando os atos do Poder Executivo.

Um dia após a Presidente da República proferir as imputações acima referidas, seu subordinado, o Sr. Américo

Lacombe, Presidente da Comissão de Ética, seguiu o seu exemplo, ainda segundo a imprensa:

Ao comentar a decisão, Lacombe provocou o líder do PSDB na Câmara dos Deputados, Carlos Sampaio (SP), autor da representação contra Dilma, afirmando que o regulamento da comissão foi criado no governo FHC. 'Qual é o problema em ir pra Lisboa? Desde que ela pague a conta dela, não tem problema nenhum', disse, ao deixar reunião nesta manhã, referindo-se ao jantar da presidente em um badalado restaurante da capital portuguesa.

Em entrevista concedida a jornalistas nesta terça, a presidente defendeu a parada técnica em Lisboa e diz escolher o restaurante que desejar já que ela mesma paga sua própria conta. 'O problema de ter jantado também não é problema nenhum, desde que eles paguem. Eles disseram, o ministro de Relações Exteriores falou isso na televisão, a presidenta alou isso cada um pagou a sua conta. Então não é problema nosso, não é problema do contribuinte', afirmou Lacombe.

'E indeferi liminarmente a representação contra ela porque nós não temos competência para julgar nem o presidente nem vice, só ministro de Estado pra baixo. Tá na lei e não tem como. Quem fez o regulamento não foi o presidente Lula, foi o presidente Fernando Henrique Cardoso. Se o deputado quiser, que vá e queixar co o líder do partido dele', disparou o presidente da Comissão de Ética Pública.

Segundo Lacombe, a decisão de descartar a investigação sobre a viagem de Dilma a Lisboa foi tomada por unanimidade pela Comissão de Ética Pública da Presidência da República.

'Quem quer se queixar contra a presidente da República, vá se queixar no Senado, que é quem julga os crimes de responsabilidade dela, ou ao STF. Isso aí não é problema dessa comissão', afirmou Lacombe.

(...)

Questionado pelo Estado sobre a falta de transparência na agenda da presidente Dilma Rousseff, Lacombe respondeu: 'E será

que essa viagem não surgiu de repente? Não foi uma necessidade? Não vejo nisso (na falta de divulgação) problema nenhum.’ (...)

Essas imputações dão a entender que o Interpelante não agiu com seriedade quando exigiu que a Comissão de Ética sugerisse à Presidente da República a adoção de um controle sobre as condutas dos seus subordinados.

Além disso, essas imputações, que podem configurar crime contra a honra do Interpelante, foram feitas com o fim de manter a obscuridade ilegal e inconstitucional sobre os gastos da Presidente da República e de sua comitiva em viagens internacionais.

O eventual crime, então, teria sido cometido para garantir a falta de transparência que vem sendo imposta, contra a lei, à gestão do patrimônio público pela Presidência da República em viagens internacionais.

A se dar crédito às afirmações de Lacombe, o então Líder do PSDB na Câmara não poderia jamais apresentar aquela representação porquanto ela teria sido feita durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, que também é do PSDB.

Ora, isso é absurdo e ofensivo. As leis são feitas para todo o mundo e o Interpelado, que foi juiz federal, sabe disso.” (grifei)

Presente esse contexto, **impõe-se verificar**, preliminarmente, **se assiste**, ou não, competência **a esta** Suprema Corte para processar, **originariamente**, **este** pedido de explicações.

A notificação, como se sabe, **considerada a natureza cautelar de que se reveste**, **deve** processar-se perante o **mesmo** órgão judiciário **que é competente** para julgar **a ação penal principal** eventualmente ajuizável **contra o suposto** ofensor.

Falece competência, por isso mesmo, a esta Suprema Corte, para processar, **em sede originária**, a interpelação judicial **dirigida ao Senhor Presidente da Comissão de Ética Pública** da Presidência da República, **que**

PET 5146 / DF

não dispõe, “*ratione muneris*”, de prerrogativa de foro, **perante** esta Corte, nos ilícitos penais comuns.

Excluo-o, portanto, desta relação processual, por falta de competência originária do Supremo Tribunal Federal.

De outro lado, e tratando-se, a interpelanda, da Senhora Presidente da República, compete, ao Supremo Tribunal Federal, processar originariamente, o pedido de explicações, tal como formulado na espécie (**Pet 1.249-AgR/DF**, Rel. Min. CELSO DE MELLO – **Pet 3.668/DF**, Rel. Min. GILMAR MENDES – **Pet 3.857/BA**, Rel. Min. JOAQUIM BARBOSA – **Pet 4.076-AgR/DF**, Rel. Min. RICARDO LEWANDOWSKI – **Pet 4.199/DF**, Rel. Min. CELSO DE MELLO – **Pet 4.444-AgR/DF**, Rel. Min. CELSO DE MELLO – **Pet 4.553/DF**, Rel. Min. CELSO DE MELLO, *v.g.*):

“COMPETÊNCIA PENAL ORIGINÁRIA DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL PARA O PEDIDO DE EXPLICAÇÕES.

- **A competência penal originária** do Supremo Tribunal Federal, **para processar pedido de explicações** em juízo, **deduzido** (...) **com apoio** no Código Penal (art. 144), **somente** se concretizará **quando** o interpelado dispuser, ‘*ratione muneris*’, da prerrogativa de foro, **perante** a Suprema Corte, nas infrações penais comuns (**CF**, art. 102, I, ‘b’ e ‘c’).”

(**RTJ 170/60-61**, Rel. Min. CELSO DE MELLO, **Pleno**)

Reconhecida, desse modo, **em relação** à Senhora Presidente da República, **a competência originária** desta Suprema Corte, **impende analisar**, agora, **a natureza e a destinação** da interpelação judicial em referência, **fundada** no art. 144 do Código Penal.

Cumpr **ter em consideração**, neste ponto, **que o pedido de explicações** – que constitui medida processual **meramente** facultativa, “*de sorte que quem se julga ofendido pode, desde logo, intentar a ação penal privada, dispensando quaisquer explicações, se assim o entender*”

(EUCLIDES CUSTÓDIO DA SILVEIRA, “Direito Penal – Crimes Contra a Pessoa”, p. 260, item n. 120, 2ª ed., 1973, RT; JULIO FABBRINI MIRABETE, “Código Penal Interpretado”, p. 1.138, 5ª ed., 2005, Atlas; PAULO JOSÉ DA COSTA JUNIOR, “Código Penal Comentado”, p. 442, 8ª ed., 2005, DPJ) – **reveste-se** de função instrumental, cuja destinação jurídica vincula-se, unicamente, ao esclarecimento de situações **impregnadas** de *dubiedade, equivocidade* **ou** *ambiguidade* (CP, art. 144), **em ordem** a viabilizar, *tais sejam* os esclarecimentos *eventualmente* prestados, **a instauração** de processo penal de conhecimento **tendente** à obtenção de um provimento condenatório, *consoante o reconhece a própria jurisprudência* do Supremo Tribunal Federal:

“- **O pedido de explicações** constitui típica providência de ordem cautelar, destinada a aparelhar ação penal principal, **tendente a sentença penal condenatória**. O interessado, ao formulá-lo, invoca, em juízo, tutela cautelar penal, *visando a que se esclareçam situações revestidas de equivocidade, ambigüidade ou dubiedade, a fim de que se viabilize o exercício futuro de ação penal condenatória*.

A notificação prevista no Código Penal (art. 144) (...) **traduz mera faculdade** processual, sujeita à discricão do ofendido. **E só se justifica na hipótese de ofensas equívocas.**”

(RTJ 142/816, Rel. Min. CELSO DE MELLO)

O Plenário do Supremo Tribunal Federal, **apreciando a função, a natureza, a eficácia e as notas** que caracterizam a medida processual **fundada** no art. 144 do Código Penal, **assim se pronunciou**, fazendo-o em julgamento *que bem reflete* a diretriz jurisprudencial **prevalecente** na matéria:

“- **O pedido de explicações** – formulado com suporte no Código Penal (art. 144) (...) – **tem natureza cautelar** (RTJ 142/816), **é cabível** em qualquer das modalidades de crimes contra honra, **não obriga** aquele a quem se dirige, **pois** o interpelado **não poderá ser constrangido** a prestar os esclarecimentos solicitados (RTJ 107/160), **é processável** perante o **mesmo** órgão

judiciário competente para o julgamento da causa penal principal (RTJ 159/107 – RTJ 170/60-61 – RT 709/401), reveste-se de caráter meramente facultativo (RT 602/368 – RT 627/365), não dispõe de eficácia interruptiva ou suspensiva da prescrição penal ou do prazo decadencial (RTJ 83/662 – RTJ 150/474-475 – RTJ 153/78-79), só se justifica quando ocorrentes situações de equivocidade, ambigüidade ou dubiedade (RT 694/412 – RT 709/401) e traduz faculdade processual sujeita à descrição do ofendido (RTJ 142/816), o qual poderá, por isso mesmo, ajuizar, desde logo (RT 752/611), a pertinente ação penal condenatória. Doutrina. Jurisprudência.”

(Pet 2.740-ED/DF, Rel. Min. CELSO DE MELLO)

Impende assinalar, de outro lado, que não caberá, ao Supremo Tribunal Federal, nesta sede processual, avaliar o conteúdo das explicações dadas pela parte requerida nem examinar a legitimidade jurídica de sua eventual recusa em prestá-las a esta Corte Suprema (RT 467/347 – RT 602/350 – Pet 2.156/SP, Rel. Min. CELSO DE MELLO – Pet 3.601/DF, Rel. Min. CELSO DE MELLO, v.g.), valendo lembrar, no ponto, a advertência de EUCLIDES CUSTÓDIO DA SILVEIRA sobre a natureza e a finalidade da interpelação penal fundada no art. 144 do Código Penal (“Direito Penal – Crimes Contra a Pessoa”, p. 260/261, item n. 120, 2ª ed., 1973, RT):

“Destina-se ela a esclarecer ou positivar o exato sentido da manifestação de pensamento do requerido. É, portanto, instituída quer em favor do requerente quer do requerido, porque poderá poupar ao primeiro a propositura de ação infundada e dá ao segundo oportunidade de esclarecer a sua verdadeira intenção, dissipando o equívoco e evitando a ação penal injusta. Tal natureza ou finalidade da providência desautoriza qualquer pronunciamento judicial prévio sobre as explicações dadas, assim como a recusa de dá-las, por si só, não induz a tipificação irremissível do crime. Nenhuma decisão se profere nos autos do pedido de explicações, que serão, pura e simplesmente, entregues ao requerente.” (grifei)

Acentue-se, por relevante, que o despacho judicial **que determina** a notificação **não veicula nem transmite** qualquer ordem ao destinatário desse ato processual, **razão pela qual** o notificando **não pode ser compelido** a comparecer em juízo, **nem constrangido** a prestar esclarecimentos **ou a exibir** documentos, **ou, ainda, a fazer, deixar de fazer ou tolerar** que se faça alguma coisa.

Feitas essas considerações, **passo a analisar**, agora, **se** o pleito formulado pelo interpelante **preenche**, ou não, **os pressupostos legitimadores** da utilização do pedido de explicações em juízo.

E, ao fazê-lo, **verifico**, considerado o contexto em análise – e tendo presente o magistério da doutrina **e** a jurisprudência dos Tribunais, como precedentemente enfatizado – que não cabe o presente pedido de explicações, **por ausência** de interesse processual do ora interpelante, **eis** que **não se registra**, quanto a ele, a necessária ocorrência de dúvida referente ao conteúdo moralmente ofensivo das afirmações questionadas, **o que evidencia a inexistência**, na espécie, de **qualquer** situação de dubiedade ou ambiguidade.

Cabe ter presente, no ponto, **o preciso magistério** de JULIO FABBRINI MIRABETE (“Código Penal Interpretado”, p. 1.138, 5ª ed., 2005, Atlas), que, **ao analisar os pressupostos legitimadores** da utilização do pedido de explicações em juízo, **revela** igual entendimento:

*“O pedido de explicações previsto no art. 144 é uma medida preparatória e facultativa para o oferecimento da queixa, **quando**, em virtude dos termos empregados **ou do sentido das frases**, **não se mostra evidente** a intenção de caluniar, difamar ou injuriar, **causando dúvida** quanto ao significado da manifestação do autor, **ou mesmo** para verificar **a que pessoa** foram dirigidas as ofensas.*”

Cabe, assim, nas ofensas equívocas e não nas hipóteses em que, à simples leitura, nada há de ofensivo à honra alheia ou, ao contrário, quando são evidentes as imputações caluniosas, difamatórias ou injuriosas.” (grifei)

Essa mesma orientação – que sustenta a inviabilidade do pedido de explicações, quando não houver situação de dubiedade ou de equivocidade quanto ao conteúdo das imputações questionadas – é também observada por GUILHERME DE SOUZA NUCCI (“**Código Penal Comentado**”, p. 677/678, 9ª ed., 2009, RT), ANÍBAL BRUNO (“**Crimes Contra a Pessoa**”, p. 323/324, 3ª ed., Editora Rio), FERNANDO CAPEZ/STELA PRADO (“**Código Penal Comentado**”, p. 281, item n. 1, 2007, Verbo Jurídico), ROGÉRIO GRECO (“**Curso de Direito Penal**”, vol. II/564, 2005, Impetus) e CEZAR ROBERTO BITENCOURT (“**Código Penal Comentado**”, p. 577, 4ª ed., 2007, Saraiva), cabendo referir, por valioso, o magistério de PAULO JOSÉ DA COSTA JUNIOR (“**Código Penal Comentado**”, p. 442, 8ª ed., 2005, DPJ):

“Se a ofensa for equívoca, por empregar termos ou expressões dúbias, cabe o pedido de explicações previsto pelo art. 144.

Por vezes, o agente emprega frases ambíguas propositadamente, quiçá ‘para excitar a atenção dos outros e dar mais efeito ao seu significado injurioso’.

Trata-se de medida facultativa, que antecede o oferecimento da queixa. Só tem cabimento o pedido nos casos de ofensas equívocas.” (grifei)

Impende acentuar que esse entendimento reflete-se, por igual, na jurisprudência desta Suprema Corte e na dos Tribunais em geral (RT 488/316 – RT 519/402 – RT 534/377 – JTACrSP 86/227 – JTACrSP 97/287 – JTARGS 84/65, v.g.):

“(…) A interpelação judicial, por destinar-se, exclusivamente, ao esclarecimento de situações dúbias ou equívocas, não se presta, quando ausente qualquer ambigiuidade no discurso contumelioso, à

obtenção de provas penais pertinentes à definição da autoria do fato delituoso. (...).”

(RT 709/401, Rel. Min. CELSO DE MELLO, Pleno)

“(…) as explicações a que alude o artigo 25 da Lei nº 5.250/67 – daí exigir-se manifestação do Poder Judiciário –, visam a permitir se apure, objetivamente, se a inferência da calúnia, difamação ou injúria resultante de referência, alusão ou frase do notificado resulta, ou não, de imprecisão de linguagem. Visam, apenas, a isso, e não a ensinar a verificação da existência de crime, em seus elementos objetivos ou subjetivos, o que será objeto da ação penal própria, se promovida. O que se procura saber, por meio da explicação, é o que realmente quis dizer o autor da referência, da alusão ou da frase. Em outras palavras, as explicações do notificado se destinam a esclarecer se a inferência do notificante corresponde ao que aquele pretendeu exteriorizar. (...).”

(RTJ 79/717-726, 725, Rel. Min. MOREIRA ALVES – grifei)

“(…) - O pedido de explicações constitui típica providência de ordem cautelar, destinada a aparelhar ação penal principal tendente a sentença penal condenatória. O interessado, ao formulá-lo, invoca, em juízo, tutela cautelar penal, visando a que se esclareçam situações revestidas de equivocidade, ambigüidade ou dubiedade, a fim de que se viabilize o exercício futuro de ação penal condenatória.

A notificação prevista no Código Penal (art. 144) traduz mera faculdade processual sujeita à discricão do ofendido. E só se justifica na hipótese de ofensas equívocas.

- O pedido de explicações em juízo acha-se instrumentalmente vinculado à necessidade de esclarecer situações, frases ou expressões, escritas ou verbais, caracterizadas por sua dubiedade, equivocidade ou ambigüidade. Ausentes esses requisitos condicionadores de sua formulação, a interpelação judicial, porque desnecessária, revela-se processualmente inadmissível.

- Onde não houver dúvida objetiva em torno do conteúdo moralmente ofensivo das afirmações questionadas ou, então, onde

***inexistir** qualquer incerteza a propósito **dos destinatários** de tais declarações, **aí não terá pertinência nem cabimento** a interpelação judicial, **pois ausentes**, em tais hipóteses, **os pressupostos necessários** à sua utilização. **Doutrina. Precedentes.**”*

(**Pet 4.444-AgR/DF**, Rel. Min. CELSO DE MELLO)

“CRIME DE IMPRENSA – **Pedido de explicações** – **Indeferimento** – Alusão considerada ofensiva pelo requerente **que não se reveste de forma dubitativa** – **Rejeição ‘in limine’** – Decisão mantida – **Inteligência do art. 144 do CP de 1940.**”

(**RT 607/334**, Rel. Juiz RENATO MASCARENHAS – grifei)

Vê-se, daí, que, **onde não** houver dúvida **em torno do conteúdo moralmente ofensivo** das afirmações questionadas **ou, então, onde inexistir** qualquer incerteza a propósito **dos destinatários** de tais declarações, **aí não terá pertinência nem cabimento** a interpelação judicial, **pois ausentes**, em tais hipóteses, **os pressupostos necessários** à sua utilização.

E é, precisamente, **o que ocorre** na espécie, **pois o próprio interpelante** – revelando ausência **de qualquer** dúvida **ou** incerteza – **afirmou**, categoricamente, que “(...) a Presidente da República, Sra. Dilma Rousseff, e o seu subordinado, Sr. Américo Lacombe, **proferiram insinuações e acusações contra o Interpelante**, Carlos Sampaio, que podem vir a configurar crime contra a honra, seja porque **as imputações lhe ofenderam na dignidade e no decoro**, seja porque **lhe atribuíram a prática de fato ofensivo à sua reputação**. Nessas hipóteses, os interpelados podem ter cometido crime de injúria ou difamação, previstos nos arts. 140 e 139, do Código Penal” (grifei).

Verifica-se, portanto, **a partir das próprias palavras do ora interpelante**, que este **não tem qualquer dúvida de que sofreu** ofensa **por parte** da Senhora Presidente da República, **tanto que expressamente reconheceu que foi atingido** em sua dignidade e decoro **e moralmente lesado** em sua reputação.

Disso resulta, em conclusão, **na linha** do magistério doutrinário e da jurisprudência desta Suprema Corte, que a presente interpelação **não** se revela pertinente **nem** admissível, **porque** – segundo decorre da própria petição inicial do ora interpelante – **este**, ao reconhecer-se alcançado por declarações que reputa contumeliosas e vulneradoras de sua honra (“preferiram ofender o Interpelante”), **demonstrou** estar seguro de que efetivamente **sofreu** “acusações” **veiculadoras** da “prática de fato ofensivo à sua reputação”.

Esclareço, por necessário, que, **embora reconhecendo ausente**, na espécie, **dúvida** do ora interpelante **sobre** o caráter *alegadamente* ofensivo das afirmações questionadas – *o que inviabiliza*, em razão do próprio teor da petição inicial, o ajuizamento desta interpelação criminal –, **não** se está a formular *qualquer juízo* sobre o fundo da controvérsia penal, *por revelar-se prematuro* na presente fase, **eis que essa matéria, se for o caso, deverá** ser suscitada em sede processual autônoma, **vale dizer**, no âmbito de eventual ação penal condenatória.

Sendo assim, e em face das razões expostas, **tenho por inadmissível** a presente “interpelação judicial com pedido de explicações”, **motivo** pelo qual **nego-lhe seguimento** nesta Suprema Corte.

Arquivem-se os presentes autos.

Publique-se.

Brasília, 21 de fevereiro de 2014.

Ministro CELSO DE MELLO
Relator